

Médicos dispostos

dade

(30)
Jornal de Brasília

a paralisar o HBB

Insatisfeitos com a morosidade do processo de negociação com a Secretaria de Saúde do GDF, médicos da Fundação Hospitalar estão dispostos a desencadear um movimento de paralisação geral e por tempo indeterminado que poderá culminar com o fechamento do Pronto-Socorro do Hospital de Base de Brasília.

A proposta será levada em discussão na próxima assembleia da categoria, marcada para o dia 19, quinta-feira, segundo adiantou Maria José da Conceição, presidente do Sindicato dos Médicos. A líder sindical garantiu que, se a opção for pela greve, não deverá acontecer antes do dia 1º de março, data-base para o reajuste salarial dos médicos. Além disso, acredita que a chegada dos feriados do carnaval poderá impedir uma mobilização da categoria neste final de mês.

«Desta vez, a paralisação do setor será para valer», frisou, explicando em seguida que a greve nos atendimentos de emergência — Pronto-Socorro — poderá se transformar em uma medida drástica para a qual o governo não poderá se mostrar insensível, pois será o único e maior responsável pelas consequências.

Na sua opinião, os médicos não podem mais ser coniventes com a péssima situação do setor de saúde no Distrito Federal. «Assim, pretendemos esclarecer junto à opinião pública que se não tomarmos uma atitude radical desta vez, a situação, já grave do atendimento, poderá tornar-se ainda pior».

Além do déficit crônico de mil vagas na Fundação Hospitalar, estão ocorrendo de 10 a 15 demissões semanais de médicos na Fundação e de 130 profissionais por mês na área paramédica, sem reposição.

No Distrito Federal os recursos físicos como os hospitais, postos de saúde e centros de atendimento não contam com recursos humanos suficientes para uma po-

pulação que cresce absurdamente, explicou Maria José da Conceição. Como exemplos citou o Hospital Regional da Ceilândia, construído para uma população de 150 mil habitantes que hoje está em torno de 450 mil. O mesmo aconteceu com o Hospital de Planaltina, para 30 mil pessoas, que cresceu para 150 mil, em Brazlândia, de 25 mil para 60 mil e assim por diante.

Com apenas 4.900 cruzados por mês o médico não consegue fazer o acompanhamento ideal de um paciente que passa por uma cirurgia, ponderou o cirurgião Eloadir Galvão, do Hospital Regional de Sobradinho. Desta forma, o acompanhamento fica todo esfacelado: um atende, outro opera, um terceiro faz o acompanhamento, o que costuma acarretar problemas. Cada etapa dependerá do profissional que estiver encarregado do plantão, o que varia durante a semana.

Para Eloadir Galvão, seria muito mais eficaz que um único médico pudesse se dedicar ao paciente, o que nunca é possível, principalmente nas cidades-satélites.

Para atingir um nível digno de sobrevivência o médico se divide entre dois ou três empregos, faltando disponibilidade para o acompanhamento do doente.

Um caso de cirurgia de abdômen, deveria implicar em sete dias de assistência, pelo menos duas vezes por dia. Ao contrário deste procedimento, o médico opera e quando retorna àquele paciente é para saber se recebeu alta, se infecionou ou se morreu.

«Infelizmente a realidade chegou a este ponto», prosseguiu, lembrando «que somente com as denúncias sobre a qualidade das condições de trabalho é que os médicos poderão se posicionar em busca de uma melhoria para a realização do trabalho como também para a questão da saúde da coletividade».